

O VALOR LITERÁRIO DA BÍBLIA

Afrânio da Silva Garcia

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo apresentar alguns textos da Bíblia não apenas pelo seu valor religioso, mas também pelo seu valor literário, capaz de despertar a emoção e a reflexão em praticamente qualquer pessoa, sem levar em conta sua religião. Para tanto, analisaremos esses textos a partir dos seus traços semânticos e estilísticos, enfatizando sua importância para a vida cotidiana.

Palavras Chave: Bíblia, Literatura, Semântica, Estilística.

ABSTRACT:

This article aims to present some texts from Bible not only by their religious value, but also by their literary value, capable of arise emotions and reflections on almost any person, without taking on account his/her religion. In order to do that, we will analyze these texts from their semantic and stylistic features, emphasizing their importance in the daily life.

Key Words: Bible, Literature, Semantics, Stylistics.

1- INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é fazer um estudo de certos trechos da Bíblia, não como uma obra de cunho religiosa, mas como uma obra literária, principalmente no que diz respeito aos seus traços estilísticos mais notáveis.

Como fonte para a nossa pesquisa, valemo-nos de dois compêndios considerados dos mais confiáveis no estudo da Bíblia, visto devotarmos profundo respeito ao objeto de nossos estudos, não só como uma obra-prima da literatura universal, mas também por ser o livro sagrado de uma grande religião: o Cristianismo. São eles: *A Bíblia Sagrada*, tradução de João Ferreira de Almeida, edição de 1995, revista e corrigida, editada pela Sociedade Bíblica do Brasil de São Paulo; e *A Bíblia — Tradução Ecumênica*, edição de 1995, revista e corrigida, editada conjuntamente pelas Edições Loyola e Edições Paulinas, de São Paulo, aprovada por Dom Luciano Mendes de Almeida, Arcebispo de Mariana, presidente da CNBB. A partir daqui, iremos nos referir

ao primeiro livro como BSRC (Bíblia Sagrada – Revista e Corrigida) e ao segundo como TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia).

Algumas vezes, no entanto, havemos por bem utilizar as versões sedimentadas pela tradição na nossa cultura cristã, desde que ela não entrasse em conflito com as versões apresentadas nos livros acima, sempre que as consideramos sensivelmente mais expressivas.

Para facilitar o entendimento, optamos por dividir nosso trabalho e intitular suas partes de acordo com os nomes dos livros da Bíblia sobre os quais nos baseamos, seguidos de um subtítulo nosso.

2- GÊNESIS: A BELEZA CONCISA

Quando lemos o Gênesis prestando atenção em sua literariedade, logo salta à nossa vista a decisiva opção de seu autor por um discurso conciso, contido, procurando dizer o mínimo, buscando, dessa forma, não minimizar, com um excesso de palavras, a monumentalidade da obra Divina, como podemos ver nos seguintes trechos:

“No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.” (BSRC)

“Deus disse: “Que haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite, que eles sirvam de sinal tanto para as festas como para os dias e os anos, e que sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a terra.” Assim aconteceu. Deus fez dois grandes luminares, o grande luminar para presidir o dia, o pequeno para presidir a noite, e as estrelas.” (TEB)

“Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos e prolíficos, enchei a terra e dominai-a. Submetei os peixes do mar, os pássaros do céu e todo animal que rasteja sobre a terra!” (TEB)

Repare-se na comoção simples e profunda que nos causam essas passagens. O início pelo início: os céus e a terra, um espaço a ser preenchido, um ponto de apoio e algo a cobri-lo, uma antítese que se completa. A desolação da terra sem forma e vazia, metonímias de vacuidade e abandono. O Espírito de Deus a se mover sobre as águas: Deus como única vida, caracterizada pelo *movimento*, pairando sobre um mundo estéril (decididamente a nossa tradição

cristã é mais expressiva nesse ponto, ao dizer: “O espírito de Deus *pairava* sobre as águas”). A associação dos luminares do firmamento à sua função: o grande (Sol) para iluminar o dia, o pequeno (Lua) para iluminar a noite. A bênção de Deus já prenunciando as consequências do surgimento do homem, que iria se espalhar pela terra e submeter os demais animais. Tudo simples, tudo fácil, tudo conciso, tudo belo.

3- PROVÉRBIOS: ERUDIÇÃO POPULAR

Os Provérbios procuram transmitir ensinamentos profundos da forma mais popular possível, com imagens ingênuas e vivazes, realizando o ideal preconizado por Mário de Andrade centenas de anos mais tarde: “Biscoitos finos para as massas!”, como fica evidenciado por essas duas estórias-provérbios.

Retrato do Bêbado

Para quem os “ah!”? Para quem os “ai!”? Para quem as rixas? Para quem as queixas? Para quem as disputas sem motivo? Para quem os olhos turvos?

Para os que ficam até tarde com o vinho, para os que procuram bebidas generosas.

Não fiques contemplando o vinho vermelho, que na taça resplandece todo o seu colorido e corre suavemente para dentro.

No fim, ele morde como uma cobra e pica qual uma víbora.

Teus olhos verão coisas estranhas e tua mente te fará proferir disparates.

Serás como alguém deitado em pleno mar, deitado no topo de um mastro.

“Bateram em mim. . .! Não está doendo! Espancaram-me...! Nem senti!

Quando irei acordar?

Voltarei a pedir mais!” (TEB)

Retrato do Preguiçoso

Passei pelo campo de um preguiçoso, perto da vinha de um homem sem ânimo.

E olha só: era tudo espinheiro, tudo coberto de espinhos e a mureta de pedras em ruína.

Fiquei olhando, refleti com atenção.

Vi e aprendi uma lição:

Dormir um pouco, cochilar um pouco, espreguiçar um pouco, de
mãos cruzadas,

E a pobreza chegará a tua casa como que de passeio,

A indigência, qual um velho guerreiro. (TEB)

Note-se como o autor pinta com emoção a situação do bêbado, valendo-se principalmente dos efeitos externos de sua bebedeira, tanto nele como naqueles que os cercam: *rixas*, *disputas*, *olhos turvos*, inclusive com um uso extremamente feliz das interjeições (Para quem os “*ah!*”? Para quem os “*ai!*”?), como índices da reprovação e do sofrimento que ele provoca nos outros. O fascínio da bebida é evocado quando “na taça *resplandece* todo seu *colorido* e corre *suave* para dentro”, mas seus efeitos são apresentados hiperbolicamente (ou não?) na metáfora da serpente: “morde como uma *cobra* e pica como uma *víbora*”. A estória-provérbio finaliza com o dilema do ébrio, que tenta parar (“*acordar*”), mas não consegue (“*pedir mais*”).

Semelhante ocorre com a estória-provérbio do preguiçoso, que é definido pelos efeitos nefastos de sua inação: tudo *coberto de espinhos*, mureta de pedras *em ruína*. A decadência do preguiçoso é belamente intensificada pela sucessão de prosopopéias: a *pobreza* chegando como *a passeio*, a *indigência* (ou mendicância) chegando como um *guerreiro*, ou seja, a pobreza vai chegando aos poucos, suavemente, mas a mendicância chega de supetão, sem tréguas.

4- CANTARES: O AMOR AO NATURAL

Dentro da Bíblia, um livro se destaca por suas características ímpares: os Cantares ou Cântico dos Cânticos, de Salomão. Seu conteúdo é tão erótico e voluptuoso que várias revistas masculinas já se utilizaram deles como legendas para suas fotos de nus femininos. Não obstante seu valor religioso ser questionável, é inegável seu valor artístico, retratando o amor homem-mulher de uma maneira muito natural, sem restrições moralistas, através de elegantes símiles e imagens, principalmente referentes à natureza, como podemos ver nos dois trechos abaixo.

“Que formosos são os teus pés nos sapatos, ó filha do príncipe!

As voltas de tuas coxas são como jóias, trabalhadas por mãos de artistas.

O teu umbigo, como uma taça redonda, a que não falta bebida;
 O teu ventre, como monte de trigo, cercado de lírios.
 Os teus dois peitos, como dois filhos gêmeos de gazela.

O teu pescoço, como a torre de marfim; os teus olhos, como os viveiros de Hesbom, junto à porta de Bate-Rabim; o teu nariz, como a torre do Líbano, que olha para Damasco.

A tua cabeça sobre ti é como o monte Carmelo, e os cabelos da tua cabeça, como a púrpura; o rei está preso em tuas tranças.

Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em delícias!

A tua estatura é semelhante à palmeira, e os teus peitos, aos cachos de uvas.

Dizia eu: Subirei à palmeira, pegarei em seus ramos; e, então, os teus peitos serão como os cachos na vide, e o cheiro da tua respiração, como o das maçãs.” (BSRC)

“Eu sou de meu querido e seu anelo sou eu.

Vem, querido meu, vamos ao campo, passar a noite no Povoado;

Bem cedo, às vinhas, vamos ver se a cepa rebenta, se o botão desabrocha, se as romãzeiras estão em flor.

Lá te darei minhas carícias.

As maçãs d’amor deitam seu perfume;

Às nossas portas, toda espécie de frutas d’escol, novas e passas, meu querido, guardo-as para você.” (TEB)

Veja-se o acúmulo de símiles, indicativos de beleza, de prazer, de valor, de vigor, presentes no primeiro trecho, configurando uma mulher esplêndida, um desejo intenso e profundo: como *jóias*, como *taça redonda*, como *monte de trigo*, cercado de *lírios* (lindíssima imagem!), como dois filhos gêmeos de *gazela*, como a *torre de marfim*, como a *palmeira*, como *cachos de uvas*, o que é realçado por imagens de conotação erótica (metonímias de semelhança de função/atividade) bastante evidente: *subirei* à palmeira, *pegarei* em teus ramos.

Já no segundo, a mulher se esforça por provocar o homem, juntando à declaração direta: “— Lá te darei carícias.” uma série de imagens vegetais de clara conotação erótica: a *cepa rebenta*, o *botão desabrocha*, as *romãzeiras em flor*, as *maçãs d’amor deitam seu perfume*.

5- ECLESIASTES: A SABEDORIA PRESIDE

No Eclesiastes, originalmente concebido para servir de suporte aos juízes no tribunal, temos uma série de textos que expressam a grandiosidade

da criação de Deus e das atribuições do homem e apontam o procedimento correto, com grande beleza e poesia, como podemos constatar nos seguintes trechos.

O Tempo e a Duração

Para tudo há momento,
 E tempo para cada coisa sob o céu:
 Tempo de dar à luz e tempo de morrer;
 Tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;
 Tempo de matar e tempo de curar;
 Tempo de destruir e tempo de construir;
 Tempo de chorar e tempo de rir;
 Tempo de lamentar e tempo de dançar;
 Tempo de atirar pedras e tempo de juntar pedras;
 Tempo de procurar e tempo de perder;
 Tempo de guardar e tempo de jogar fora;
 Tempo de rasgar e tempo de costurar;
 Tempo de calar e tempo de falar;
 Tempo de amar e tempo de odiar;
 Tempo de guerra e tempo de paz.
 Que proveito tira o operário do trabalho que faz?
 Veja a ocupação que Deus deu aos filhos de Adão,
 Para se ocuparem.
 Ele faz tudo a seu tempo,
 E dá ao coração humano até o sentido do tempo,
 Sem que o homem possa descobrir
 A obra que Deus faz do começo ao fim. . . (TEB)

Desfrutar a Vida como Dom Divino

Vai, come teu pão com alegria
 E bebe teu vinho com bom coração,
 Pois Deus já se agradou de tuas obras.
 Sejam sempre brancas tuas vestes
 E não falte perfume em tua frente!
 Goza a vida com a mulher que ama
 Todos os dias da tua vã existência,
 Porque é Deus quem te dá, sob o sol, todos os teus dias vãos.
 Pois esta é a parte que te cabe na vida

E no trabalho com o qual te afadigas sob o sol.
 Tudo o que a tua mão encontra para fazer,
 Faze-o com tuas próprias forças,
 Pois não há obra nem avaliação, nem saber nem sabedoria
 No Sheol, para onde irás.” (TEB)

Reparemos no belo trabalho de construção literária por meio de antíteses e construções de sentido inverso do primeiro trecho: *matar e curar, destruir e construir, calar e falar, amar e odiar, guerra e paz; plantar e arrancar o que se plantou, jogar pedras e juntar pedras*. Some-se a isso o efeito de separação e realce obtido pela anáfora exaustiva; *tempo de*, e teremos um texto de profundo valor emocional e exortativo.

No segundo trecho, temos a glória de Deus primeiro manifestada muito simplesmente pela realização de prazeres tão banais e caros ao homem: *come teu pão, bebe teu vinho, vestes brancas* (limpas), *perfume, gozar os dias com a mulher*; para depois termos a glória de Deus manifestada em toda sua grandeza, diante do qual a existência do homem é *vã*, sustentada unicamente pelo poder de Deus: *quem te dá*.

6- SALMOS: SABEDORIA COM DELEITE

Os Salmos são o livro da Bíblia mais citado em situações não estritamente religiosas, pelo deleite que nos causam, não obstante a profunda sabedoria que eles contêm, como podemos verificar nos salmos que se seguem.

Salmo 23

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.

Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.

Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.

Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda.

Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do Senhor por longos dias.

(BSRC)

Salmo 119 (excerto)

Ensina-me, ó Senhor, o caminho dos teus estatutos, e guardá-los-ei até o fim.

Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei e observá-la-ei de todo o coração.

Faze-me andar na verdade dos teus mandamentos, porque nela tenho prazer.

Inclina o meu coração a teus testemunhos e não à cobiça.

Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade e vivifica-me no teu caminho.

Confirma a tua presença ao teu servo, que se inclina ao teu temor.

Desvia de mim o opróbrio que temo, pois os teus juízos são bons.

Eis por que tenho desejado os teus preceitos; vivifica-me por tua justiça.

(BSRC)

Atente-se no salmo 23 para o efeito tranqüilizador e inspirador de confiança obtido por palavras de cunho agradável e repousante: *deitar-me, refrigera*, e pelas imagens da natureza: *verdes pastos, águas tranqüilas*, efeito esse enfatizado pela idéia de termos um *Pastor* a nos *guiar*, a nos *fartar*: o meu cálice *transborda*, a nos proteger de tudo, inclusive da figura hiperbólica e aterradora do *vale da sombra da morte*. Atente-se ainda para a preciosa transformação da entidade abstrata da retidão num sítio concreto: *veredas da justiça*. Tudo isso vem reforçar e confirmar a reiteração-antítese da abertura do salmo: *O Senhor é o meu pastor; nada me faltará*.

Já a passagem escolhida do salmo 119 trabalha, com eficácia e maestria, os campos semânticos de pensamento/sentimento e legalidade: *ensina-me, entendimento, coração, temor, opróbrio; estatutos, observá-la-ei, lei, verdade, mandamentos, testemunhos, promessa, juízos, preceitos*.

7- OS EVANGELHOS: A PALAVRA PERFEITA

Nas citações e parábolas do Evangelho de Jesus, temos algumas das mais belas criações literárias da história, razão por que nos deteremos mais nesses livros. Observe-se a primorosa construção dos seguintes trechos dos evangelhos.

As Bem-Aventuranças

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus;

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra;

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;

Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus;

Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa.

Exultai e alegrai-vos, porque é grande vosso galardão nos céus, porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

(Mateus, BSRC)

O Sal da Terra e a Luz do Mundo

Vós sois o sal da Terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte;

Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa.

Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus.

(Mateus, BSRC)

O Tesouro no Céu

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam.

Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam.

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

Os Dois Senhores (Ou Deus ou o Dinheiro)

Ninguém pode servir a dois senhores: ou odiará a um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro. (Mateus, TEB)

As Preocupações

Eis por que eu vos digo: Não vos preocupeis por vossa vida, com o que comereis, ou por vosso corpo, com o que vestireis. A vida não vale mais do que o alimento, e o corpo, mais do que a roupa?

Olhai os pássaros do céu: não semeiam nem ceifam, não ajuntam em celeiros; e vosso Pai celeste os alimenta! Não valei vós muito mais do que eles?

E quem dentre vós pode, à força de preocupar-se, prolongar, por pouco que seja, a sua existência? E com a roupa, por que vos inquietai?

Aprendeis dos lírios do campo, como crescem: não se afadigam nem fiam; ora, eu vos digo, o próprio Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles!

Se Deus assim veste a erva dos campos, que hoje existe e amanhã será lançada ao fogo, não fará ele muito mais por vós, gente de pouca fé? (. . .)

Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã: o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta seu mal.

(Mateus, TEB)

O Cisco e a Trave

Não vos arvoreis em juízes, para não serdes julgados; pois é segundo vosso modo de julgar que vos julgarão, e a medida de que vos servis servirá de medida para vós. Por que tens de olhar o cisco que está no olho do teu irmão, e a trave que está no teu olho, não a reparas? Ou como dizer a teu irmão: ‘Espera! Vou tirar o cisco do teu olho?’ É no teu olho que a trave está! Homem de juízo pervertido, tira primeiro a trave do teu olho, e então enxergarás direito para tirar o cisco do olho do teu irmão. (Mateus, TEB)

Pérolas aos Porcos

Não deis aos cães o que é sagrado, não atireis vossas pérolas aos porcos, não aconteça que eles as calquem aos pés e, virando-se, vos esraçalhem.

(Mateus, TEB)

A Bondade de Deus

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.

Porque aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e, ao que bate, se abre.

E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?

E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?

Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que *está* nos céus, dará bens aos que *lhe* pedirem?

Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas. (Mateus, BSRC)

A Mulher Adúltera

E Jesus foi para o monte das Oliveiras. Ao clarear o dia, ele voltou ao templo e, como todo o povo vinha a ela, assentou-se e se pôs a ensinar.

Os escribas e os fariseus trouxeram-lhe então uma mulher que fora surpreendida em adultério e a puseram no meio do grupo.

“Mestre, disseram-lhe eles, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. Na Lei, Moisés nos prescreveu apedrejar tais mulheres. E tu, que dizes a este respeito?” (. . .)

Como eles continuassem a lhe fazer perguntas, Jesus ergueu-se e lhes disse: “Aquele dentre vós que nunca pecou atire-lhe a primeira pedra.” E, inclinando-se, pôs-se novamente a escrever traços no chão.

Depois de terem ouvido essas palavras, eles se retiraram um após outro, a começar pelos mais velhos, e Jesus ficou sozinho.

Como a mulher continuasse ali, no meio do círculo, Jesus reergueu-se e lhe disse: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?”

Ela respondeu: “Ninguém, Senhor.”

E Jesus lhe disse: “Eu também não te condeno: vai embora e doravante não peques mais.” (João, TEB)

O Grande Mandamento

E os fariseus, ouvindo que ele fizera emudecer os saduceus, reuniram-

se no mesmo lugar.

E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo: “Mestre, qual é o grande mandamento da lei?”

E Jesus disse: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.”

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”

Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

(Mateus, BSRC)

Veja-se a primorosa construção por *antíteses*, quer diretamente por meio de antônimos, quer indiretamente por meio das associações semânticas das palavras, das *Bem-Aventuranças*, como em: *pobres / Reino, choram / consolados, mansos* (usado no sentido de carentes, desassistidos) / *herdarão, fome / fartos, misericordiosos* (agente) / *alcançarão misericórdia* (paciente), *injuriarem e perseguirem / exultai e alegrai-vos*. Note-se ainda outros tipos de associação semântica, como o *pleonasmto estilístico* (que reforça o que é dito, ao invés de torná-lo redundante) das expressões contíguas *fome e sede* na expressão metafórica *fome e sede de justiça*; a relação entre o adjetivo *limpo* e a expressão *ver a Deus* (vê-se bem quando nossos olhos ou o espaço entre nossos olhos e o objeto visto está *limpo*); a relação entre *pacificadores* e *filhos de Deus* (uma vez que a essência da Igreja cristã, que a faz diferente de todas as que a antecederam, é a *condenação da violência*, levada ao ponto de oferecer a *outra face* aos que nos injuriam, o fato de alguém ser um *pacificador* torna-o imediatamente um com Jesus e com os princípios do Cristianismo, transformando-o num *filho de Deus*). Por último, ele prepara seus seguidores para as terríveis dificuldades que os acometerão, lembrando-lhes que será muito diferente seu julgamento pelos homens e por Deus, o que fará com eles sejam *bem-aventurados* quando forem *injurados* e *perseguidos* pela causa da fé, pois assim se tornarão mercedores de *grande galardão nos céus*.

A *Parábola do Sal da Terra* trabalha com uma imagem que reúne uma *antítese* a uma *metonímia* de uma forma esplêndida. Que era o *sal* nos tempos bíblicos? Um bem preciosíssimo, tanto assim que o soldo dos legionários romanos era muitas vezes pago com *sal* (daí a palavra *salário*). A esse pó precioso, opõe-se um pó sem valor, a *areia*, muito abundante nas regiões desérticas da Palestina. A parábola em questão trabalha artisticamente a diferença mínima que existe entre a *areia* e o *sal*, em que um e outro são distinguidos unicamente pelo efeito de *salgar*, que o sal possui e a areia não possui. A partir daí, ele compara o *sal* com seus profetas e seguidores, os

quais, se perderem a *fê* (não está dito, mas fica claramente implícito), serão tão sem valia quanto o *sal* que perder o sabor, virando *areia*, que só serve para ser *pisada* pelos viajantes (observe-se o duplo sentido, conotativo e denotativo, do verbo *pisar*, enfatizando o desprezo que se deve ter pelo pregador sem *fê*). Quão grande e profunda é a extensão desse ensinamento, que serve não só para o apostolado como para todas as profissões! Quantas vezes, na minha prática de professor, não pensei nele, quando meu coração se abatia diante das injustiças e dos baixos salários do magistério. Mas, se eu ou qualquer professor desistirmos de nosso compromisso com nossos alunos e com o futuro de nosso país, em que nos tornaremos? Seremos apenas pó, perderemos nossa essência, aquilo que nos dá valor, e merecedores apenas de sermos pisados pelos viajantes!

No mesmo trecho, temos a *Parábola da Luz do Mundo*. Essa parábola divide-se em duas partes: na primeira, realça-se a impossibilidade de se esconder aquilo que é por demais visível, por demais aparente: “*não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte*”; na segunda, discorre-se sobre a necessidade de a luz ficar bem à mostra, para que todos vejam: “*nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador (. . .) para que vejam*”. Na verdade, Jesus vale-se de uma mesma imagem, a *luz*, para comunicar dois conteúdos distintos: é dever dos apóstolos mostrar brilhantemente, com suas palavras e suas ações, a grandeza da palavra de Deus, ser o modelo da virtude e da *fê*, tornarem-se *a luz do mundo*, que ilumina e serve de guia aos demais; também é seu dever não esconderem sua *fê*, mas ostentarem-na, visto ela ser luminosa, para que “*assim resplandeça a vossa luz diante dos homens*”. Também essa parábola pode ser estendida além do seu conteúdo estritamente religioso; quantas vezes não realizamos boas ações, pesquisas importantes, poemas fantásticos, e não escondemos essa *candeia*, essa *luz*, no nosso *alqueire*, no nosso cubículo solitário, em vez de apresentá-los a público, de colocá-los no *velador*, para *dar luz a todos*, para que nossa luz *resplandeça*, para que vejam *nossas obras* e nos *glorifiquem*, bem como a *nosso Pai*.

A *Parábola do Tesouro no Céu* afirma a supremacia dos nossos afetos sobre as coisas materiais, de uma forma belíssima, ao dizer que “*onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração*”, ou seja, aquilo que nosso coração valoriza é o que realmente tem valor para nós, não tesouros ou bens materiais, cujo valor está mais preso à sociedade do que a nós mesmos. Essa premissa é amplamente defendida pela psicanálise, que vincula nossas neuroses e paixões às nossas experiências da primeira infância, quando dinheiro, tesouro e bens materiais nada significam para nós.

A *Parábola dos Dois Senhores* enfatiza a oposição excludente entre Deus e o Dinheiro, entre a fé e a ganância, entre o idealismo e o materialismo, em que cada opção é representada, antropomórfica e metafóricamente, como um amo, um senhor: “*Ninguém pode servir a dois senhores*”. A imagem da relação servo-senhor prende-se à impossibilidade de uma mesma pessoa servir a dois amos, sem que, mais cedo ou mais tarde, os desejos de um amo se choquem com os desejos do outro amo, quando o servo terá que optar em agradar a um e desagradar à outro, em amar mais a um do que ao outro, como podemos constatar pela reiteração/gradação: “*ou odiará a um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro*”. Essa impossibilidade de *servirmos a dois senhores* ultrapassa o âmbito da fé e penetra no tecido da própria vida, constituindo uma presença constante no nosso cotidiano, como quando deixamos de cuidar de um emprego por estarmos assoberbados com outro, ou quando um marido deixa de dar a atenção devida à esposa por causa da amante, etc.

A passagem intitulada *As Preocupações* é das mais belas da Bíblia, composta de uma série de comparações e correlações, como entre os *pássaros do céu* e os discípulos (também criaturas do *céu*) e a maneira como Deus provê a alimentação de uns e de outros; entre os lírios do campo e o rei Salomão, em que a *vestimenta* dos lírios (suas pétalas) suplanta a beleza dos trajes do grande rei Salomão; entre o exercício de determinadas atividades pelos homens, para garantir sua alimentação e suas roupas, e a obtenção plena de alimentação pelas aves do céu e de “roupas” pelos lírios do campo, agraciados pela Divina Providência, apesar de *não* se empenharem nessas atividades humanas (uma prosopopéia às avessas, evidenciada pela negativa): *não semeiam nem ceifam, não ajuntam em celeiros; não se afadigam nem tecem*. Todas essas comparações introduzem uma comparação maior, entre o que a Providência Divina oferece aos pássaros do céu e aos lírios do campo e o que a Providência Divina proverá aos seus discípulos, infinitamente maior: “*não fará ele muito mais por vós, gente de pouca fé?*” A passagem finaliza com uma recomendação de grande valor, ao mesmo tempo irônica e profunda, para todos aqueles que se angustiam com o futuro: “*Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã: o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta seu mal*”.

A *Parábola do Cisco e da Trave* é outro primor da arte de convencer e seduzir com palavras, em que Jesus compara aqueles que se arvoram em juízes de seus semelhantes a uma pessoa que se empenha em retirar o *cisco* (em algumas versões, o *argueiro*) do olho de outra, embora ela mesma possua uma *trave* no seu próprio olho. De uma maneira extremamente didática, Jesus nos

lembra que, muitas vezes, os defeitos daqueles que criticam são infinitamente superiores aos daqueles que são criticados, (o que seria confirmado, anos mais tarde, pela própria Igreja Católica, que, em sua ânsia de evangelizar os muçulmanos e os indígenas, portou-se de maneira decididamente anticristã e criminosa).

A *Parábola das Pérolas aos Porcos* tanto serve para o contexto religioso quanto para o contexto leigo. É uma parábola elaborada para ressaltar os princípios de *adequação e eficácia*, em que o Autor se vale de metáforas animais para indicar os perigos da inadequação entre os meios e os fins, entre aquilo que é dito e a natureza da platéia: “não deis aos cães o que é *sagrado*, não atireis vossas *pérolas* aos *porcos*, não aconteça que eles as *calquem aos pés* e, virando-se, *vos estraçalhem*”. Note-se como a metonímia *pérolas*, para indicar aquilo que tem valor e refinamento, complementa o adjetivo *sagrado* e estabelece uma antítese tanto com *porcos* (metonímia de rudeza e sujeira) quanto com *cães* (metonímia de agressividade e selvageria). Essa parábola é muito citada fora do contexto religioso, para indicar o fato de alguém fazer um esforço em prol da sabedoria, do refinamento, da beleza, e ser ignorado por uma platéia de pessoas sem sentimentos, sem instrução, sem escrúpulos, etc., como no caso de um professor que prepara uma aula esplêndida e os alunos não prestam a mínima atenção.

A passagem que exemplifica a *Bondade de Deus*, cuja primeira parte é também a primeira parte da *Oração de São Francisco de Assis*, inicia enfatizando a relação necessária entre *esforço* e *realização*, por meio de *antíteses* (principalmente *inversões*) reiteradas: pedir e dar; buscar e encontrar; bater e abrir-se. Em seguida, ela reforça o tema da Divina Providência pela comparação entre aquilo que fazem os pais terrestres e aquilo que fará o Pai celestial: “*quanto mais* vosso *Pai*, que está nos céus, *dará bens* aos que *lhe pedirem?*”.

A passagem da *Mulher Adúltera* retorna ao tema do julgamento dos semelhantes da *Parábola do Cisco e da Trave*, só que voltando-se não para a oposição entre um *defeito maior* e um *defeito menor*, mas para a oposição entre *culpa* e *inocência*. Instado a opinar sobre a lapidação (apedrejamento) de uma mulher pilhada em flagrante de adultério, pena esta estabelecida pelo grande rei Salomão, Jesus seria forçado a optar entre pregar o descumprimento da lei ou permitir a morte da adúltera. Jesus consegue escapar da armadilha dos escribas e fariseus dizendo: “Aquele dentre vós que *nunca pecou*, *atire-lhe a primeira pedra*”. Ao deslocar a atenção da turba enfurecida para um único indivíduo e chamar para ele toda a responsabilidade do seu ato (afinal, seria ele que *atiraria a primeira pedra*), contanto que ele se considerasse

inocente de todo e qualquer pecado, ele fá-lo reconhecer sua *culpa* e que, punindo a mulher adúltera, estaria legitimando uma futura punição contra ele mesmo. Sabendo que estariam amplamente envolvidos na responsabilidade e nas consequências da condenação por eles imposta à mulher adúltera, todos optam por se omitir e retiram-se. Jesus, no entanto, em sua misericórdia, não só não a condena, como insiste em sua remissão: “Eu também *não te condeno*; vai embora e doravante *não peques mais*”.

Instado a enunciar o *Grande Mandamento* de sua religião, Jesus cita: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento”, para logo em seguida dizer o segundo grande mandamento: “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo.*” Embora o primeiro grande mandamento seja eminentemente doutrinário, apesar de artístico, o segundo grande mandamento é de uma profundidade avassaladora: pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que a maior parte do sofrimento humano vem da não observância deste mandamento, quer porque uma pessoa se ama mais do que aos outros, tornando-se um egoísta, um insensível, um impiedoso, um criminoso; quer porque uma pessoa ama aos outros mais do que a si mesma, deixando de se realizar, de ser feliz, de viver, para tornar-se um escravo, um objeto, uma sombra de outra pessoa, que ela considera, em seu estado miserável ou doentio, ter mais valor do que ela própria. Se atentarmos para os *dois termos* da comparação e para a noção de *igualdade* que ela transmite, e pautarmos nossa vida por ela, vivenciaremos um Cristianismo feliz e jubiloso, bem mais próximo dos mandamentos de Cristo do que este Cristianismo soturno e melancólico, esse Cristianismo que só tem pecado e não tem perdão, esse Cristianismo necrófilo que só admite a felicidade no *post-mortem*, que alguns pastores que servem ao Dinheiro e não a Deus tentam nos impingir. Cristo é amor, Cristo é igualdade, e, principalmente, como acabamos de ver, *Cristo é amor na igualdade!*

8- BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Ferreira de (tradução). *A Bíblia Sagrada*. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ALMEIDA, Dom Luciano Mendes de (revisão e correção). *A Bíblia — Tradução Ecumênica*. São Paulo, Edições Loyola e Edições Paulinas, 1995.

GARCIA, Afrânio da Silva. *Estudos Universitários em Semântica*. Rio de Janeiro, Edição do Autor, 2011.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à Estilística*. São Paulo, T. A. Queiroz, 2001.